

«EU CREIO»: QUANDO A FÉ SE TORNA VIDA

DA CONCORDÂNCIA INTELECTUAL À COMUNHÃO VIVA COM DEUS

Texto ampliado para formação de jovens e catecúmenos

1. NINGUÉM CHEGA DE MÃOS VAZIAS

Quando uma pessoa se aproxima da Igreja Ortodoxa, não começa do zero. Traz uma história: imagens de Deus, experiências de oração, hábitos morais, linguagem religiosa, feridas, expectativas e também modos culturais de pensar. Alguns chegam do catolicismo romano, outros de comunidades protestantes; outros foram formados sobretudo pelo secularismo moderno, pelo individualismo e por uma confiança quase absoluta naquilo que pode ser demonstrado, controlado ou explicado.

A conversão à Ortodoxia, portanto, não pode ser entendida apenas como a troca de um conjunto de proposições por outro. São Paulo fala de uma “renovação da mente” (Rm 12,2) e da necessidade de revestir-se do “homem novo” (Ef 4,22-24). A tradição ortodoxa compreende essa renovação de modo integral: não se trata apenas de pensar corretamente, mas de permitir que a verdade confessada transforme a percepção, os desejos, as relações e o modo concreto de existir.

2. O PERIGO DE UMA ORTODOXIA APENAS INTELECTUAL

É perfeitamente possível conhecer dogmas, datas conciliares, controvérsias teológicas, argumentos apologeticos e textos patrísticos e, ainda assim, permanecer espiritualmente pouco transformado. O conhecimento é necessário, mas pode tornar-se uma nova forma de autossuficiência. São Paulo adverte que “o conhecimento ensoberbece, mas o amor edifica” (1Cor 8,1). A advertência não é contra a inteligência; é contra um saber que deixou de servir à comunhão.

Thomas Hopko, ao apresentar a fé na tradição ortodoxa, distingue o sentimento à realidade de Deus da confiança efetiva em Deus. A fé cristã envolve mente, coração e vida; não é irracional, mas também não se reduz à demonstração racional. A própria doutrina, quando autenticamente eclesial, aponta para uma realidade que deve ser vivida. A formulação dogmática protege a experiência da Igreja; não a substitui.

3. “EU CREIO” — MAS O QUE SIGNIFICA CRER?

No Novo Testamento, crer não significa simplesmente admitir que uma afirmação é verdadeira. A fé é confiança, fidelidade, entrega e resposta. Por isso a frase do pai do menino no Evangelho — “Eu creio; ajuda a minha incredulidade!” (Mc 9,24) — é tão importante. Ela mostra que a fé pode ser real e, ao mesmo tempo, necessitar de cura e crescimento.

A fé é dom de Deus, mas um dom que pede acolhida. Ela não permanece exterior à pessoa como uma informação que possuímos. Pela graça, deve tornar-se princípio interior de vida. Assim, a pergunta “eu creio?” precisa ser acompanhada por outra: “aquilo que confesso está reorganizando minha existência?”. A questão não é medir sentimentos religiosos, mas discernir frutos: confiança, arrependimento, humildade, perseverança, amor e comunhão.

4. SABER COISAS SOBRE DEUS E CONHECER DEUS

A tradição bíblica e patrística distingue, sem separar, conhecimento conceitual e conhecimento existencial. Cristo define a vida eterna como conhecer o Pai e aquele que Ele enviou (Jo 17,3). Esse conhecimento não pode significar simples informação: trata-se de comunhão.

A síntese catequética de Thomas Hopko afirma que o conhecimento de Deus não é mero “conhecimento a respeito de”, mas união existencial. A mesma tradição recorda a afirmação de São Gregório de Nissa: a bem-aventurança não consiste simplesmente em saber algo sobre Deus, mas em possuir Deus em si. Por isso, pureza de coração e conhecimento de Deus aparecem unidos: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8).

Isso não elimina a teologia acadêmica nem o estudo. Pelo contrário: dê-lhes seu lugar correto. Estudamos para servir à verdade e à comunhão. O estudo torna-se perigoso quando cria a ilusão de que dominar conceitos equivale a dominar o Mistério.

5. O NOUS: A INTELIGÊNCIA RECONCILIADA COM O CORAÇÃO

Um termo patrístico importante é *voûç* (*nous*). Traduzi-lo simplesmente por “mente” pode causar confusão, porque no uso moderno “mente” costuma significar sobretudo raciocínio discursivo. Na espiritualidade patrística, o *nous* designa a faculdade espiritual pela qual a pessoa se abre à presença de Deus — aquilo que, em linguagem bíblica, pode aproximar-se do “olho do coração” (cf. Ef 1,18).

Autores como Hierotheos Vlachos retomam a tradição filocalica para explicar a necessidade de cura e purificação do *nous*. A finalidade não é substituir a razão pela emoção, mas reintegrar a pessoa. Uma inteligência brilhante pode coexistir com paixões desordenadas, orgulho e falta de amor. A cura espiritual procura fazer com que pensamento, desejo, liberdade e ação voltem a convergir para Deus.

6. QUANDO A RELAÇÃO COM DEUS SE TRANSFORMA EM NEGOCIAÇÃO

Outra herança possível é imaginar a vida espiritual segundo uma lógica contratual: “se eu rezar, Deus me dará”; “se eu obedecer, estarei protegido”; “se eu cumprir as regras, Deus ficará satisfeito comigo”. Essa lógica pode aparecer em qualquer tradição religiosa — inclusive dentro da própria Ortodoxia.

O Evangelho desestabiliza esse esquema. A oração do fariseu de Lc 18,9–14 é formalmente religiosa, mas está centrada no desempenho do próprio orante. A graça, porém, não é salário pago a quem alcançou determinada pontuação espiritual. “Pela graça sois salvos, mediante a fé” (Ef 2,8), e as boas obras aparecem como fruto e vocação dessa graça (Ef 2,10).

O jejum, a oração, a esmola, as vigílias e a disciplina ascética não compram o amor de Deus. Deus já ama e já chama. A ascese é a educação da liberdade: aprendemos a dizer não às paixões para podermos dizer sim ao amor.

7. SINERGIA: GRAÇA QUE PRECEDE, LIBERDADE QUE RESPONDE

A tradição ortodoxa emprega a palavra *συνεργία*, *sinergia*, para falar da cooperação entre a ação divina e a resposta humana. O termo não descreve uma divisão matemática do mérito, como se Deus realizasse uma parte da salvação e nós completássemos o restante. A iniciativa, a possibilidade e a força vêm de Deus.

Ao mesmo tempo, o amor não anula a liberdade. Filipenses 2,12–13 reúne admiravelmente os dois polos: somos chamados a trabalhar nossa salvação porque é Deus quem opera em nós o querer e o agir. A formulação catequética contemporânea explica a sinergia como o agir de Deus em e através de nós mediante nossa cooperação livre.

Portanto, nem autossalvação nem passividade. A vida espiritual é respondida: Deus chama, o ser humano responde; Deus cura, o ser humano consente; Deus concede graça, o ser humano aprende a viver segundo essa graça.

8. SALVAÇÃO COMO CURA, COMUNHÃO E DEIFICAÇÃO

Se a salvação for imaginada somente em categorias jurídicas, pode parecer um problema exterior à pessoa: uma culpa registrada que precisa ser cancelada. A tradição ortodoxa não nega perdão, justificação ou reconciliação, mas as insere numa visão mais ampla: o ser humano foi criado para participar da vida de Deus.

A Segunda Epístola de Pedro fala de tornar-nos “participantes da natureza divina” (2Pe 1,4). A tradição chama essa vocação de *θέωσις*, *theosis*, deificação. Não significa que a criatura se transforme na essência de Deus, mas que, pela graça, participe verdadeiramente da vida divina. A vida cristã é participação na vida, amor, verdade, liberdade e santidade de Deus pelo Espírito Santo.

Dumitru Stăniloae organiza a espiritualidade ortodoxa como caminho de purificação, iluminação e perfeição. A salvação, assim, não é apenas ser declarado diferente; é tornar-se, pela graça, aquilo para que fomos criados.

9. IGREJA E COMUNHÃO: A FÉ NÃO É UM PROJETO PRIVADO

O individualismo moderno tende a imaginar a religião como relação privada entre “eu e Deus”. A Igreja, entretanto, não é um serviço religioso acrescentado à espiritualidade individual. Em Cristo somos feitos membros uns dos outros. A Eucaristia exprime e realiza essa realidade: “porque há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo” (1Cor 10,17).

Alexander Schmemmann mostrou de modo particularmente fecundo que a visão cristã nasce da experiência litúrgica: o mundo é recebido como dom, ação de graças e comunhão. John Zizioulas, por sua vez, destacou a dimensão relacional da pessoa e da existência eclesial. Essas perspectivas ajudam a compreender que adquirir uma mente ortodoxa significa aprender a existir eucaristicamente — receber a vida como dom e oferecê-la em ação de graças.

10. ADQUIRIR UMA MENTE ORTODOXA

“Mente ortodoxa” ou *phronema* não deve ser confundida com um catálogo de opiniões políticas, culturais ou confessionais. Trata-se de uma disposição espiritual e eclesial formada pela Escritura, pela Liturgia, pelos Santos Mistérios, pela oração, pela ascese, pelos Padres, pela vida comunitária e pela obediência humilde à verdade.

Hierotheos Vlachos insiste que a espiritualidade ortodoxa está ligada à cura e transformação da pessoa. Isso impede que o *phronema* se converta em identidade ideológica. Quanto mais a pessoa entra na experiência da Igreja, menos deveria precisar afirmar-se pela superioridade diante dos outros.

Por isso podemos resumir o caminho em algumas passagens: do controle à confiança; da explicação à contemplação; da negociação à gratidão; do mérito à graça; do individualismo à comunhão; da autossuficiência ao arrependimento. Essas passagens não desprezam a razão, a disciplina ou a responsabilidade. Elas as colocam dentro da vida da graça.

11. UM CRITÉRIO EVANGÉLICO PARA DISCERNIR

Como saber se estamos adquirindo realmente uma mente e um coração eclesiais? Não basta perguntar quantos livros lemos ou quantas posições corretas conseguimos defender. O Novo Testamento oferece critérios mais exigentes: os frutos do Espírito (Gl 5,22-23), o amor concreto ao irmão (1Jo 4,7-21), a capacidade de perdoar, a humildade, a oração, a misericórdia e a perseverança.

Uma pessoa pode vencer discussões sobre a Ortodoxia e perder a paz; pode conhecer os cânones e não aprender misericórdia; pode defender a tradição e permanecer incapaz de arrependimento. Isso não torna dogma, cânones ou tradição irrelevantes. Mostra, ao contrário, que sua finalidade é conduzir-nos à vida em Cristo.

A pergunta final, portanto, não é somente “já compreendi a doutrina correta?”, mas “minha vida está se tornando uma resposta à presença de Deus?”. A fé verdadeiramente ortodoxa não termina na frase “eu creio”. Ela pede que o dom recebido habite, cresça e frutifique em nós.

PERGUNTAS PARA DIÁLOGO

- Se Deus não atendesse aos meus pedidos como espero, minha fé permaneceria?
- Procuro Deus ou principalmente aquilo que espero receber de Deus?
- Minha formação ortodoxa está me tornando mais humilde e misericordioso?
- Conheço melhor os argumentos da Ortodoxia ou conheço melhor a oração?
- Que aspectos da minha história religiosa ainda precisam ser discernidos e purificados?
- De que modo a Liturgia e os Santos Mistérios estão modificando meu modo de viver fora da igreja?

REFERÊNCIAS BÍBLICAS PRINCIPAIS

Mc 9,24; Jo 15,1-11; Jo 17,3; Mt 5,8; Mt 6,1-18; Lc 18,9-14; Rm 12,2; 1Cor 3,9; 1Cor 8,1; 1Cor 10,16-17; 2Cor 3,18; Gl 5,22-23; Ef 1,18; Ef 2,8-10; Fl 2,12-13; 1Jo 4,7-21; 2Pe 1,4.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

HOPKO, Thomas. *The Orthodox Faith*. Vol. I: Doctrine and Scripture; Vol. IV: Spirituality. Orthodox Church in America. Especialmente as seções “Faith” e “Knowledge”.

LOSSKY, Vladimir. *The Mystical Theology of the Eastern Church*. Cambridge: James Clarke & Co.

SCHMEMANN, Alexander. *For the Life of the World: Sacraments and Orthodoxy*. Crestwood, NY: St Vladimir's Seminary Press.

STĂNILOAE, Dumitru. *Orthodox Spirituality: A Practical Guide for the Faithful and a Definitive Manual for the Scholar*. South Canaan, PA: St Tikhon's Seminary Press, 2002.

VLACHOS, Hierotheos. *Orthodox Psychotherapy: The Science of the Fathers*. Levadia: Birth of the Theotokos Monastery, 1994.

VLACHOS, Hierotheos. *Orthodox Spirituality: A Brief Introduction*. Levadia: Birth of the Theotokos Monastery, 1994.

WARE, Kallistos. *The Orthodox Way*. Crestwood, NY: St Vladimir's Seminary Press.

ZIZIOULAS, John D. *Being as Communion: Studies in Personhood and the Church*. London: Darton, Longman and Todd, 1985.

THE PHILOKALIA. Ed. G. E. H. Palmer, Philip Sherrard e Kallistos Ware. London: Faber & Faber.

JOÃO CLÍMACO, São. *The Ladder of Divine Ascent*. Trad. Colm Luibheid e Norman Russell. London: SPCK, 1982.

SOFRÔNIO (Sakharov), Arquimandrita. *On Prayer*. Trad. Rosemary Edmonds.

ORTHODOX CHURCH IN AMERICA. *Essential Orthodox Christian Beliefs: A Manual for Adult Instruction*.

NOTA SOBRE AS CITAÇÕES

As citações bíblicas e patrísticas foram mantidas breves. Para publicação formal, recomenda-se conferir a paginação segundo as edições efetivamente utilizadas e uniformizar a tradução bíblica adotada pela comunidade.